

123 - Marechal Floriano Vieira Peixoto

Dados Biográficos

Nascimento - 30 de abril de 1839, no engenho do Riacho Grande, em Ipioca - AL.

Filiação - Manuel Vieira de Araújo Peixoto e Ana Joaquina de Albuquerque Peixoto.

Formação e atividades principais - Fez o curso primário em Maceió. Aos 16 anos, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, onde se matriculou no Colégio São Pedro de Alcântara. Assentou praça em 1857, como voluntário, no 1º Batalhão de Artilharia a Pé. Em 1861 ingressou na Escola Militar, tirou o curso de Artilharia e bacharelou-se em matemática e ciências físicas; em 2 de dezembro de 1861, foi promovido a Segundo-Tenente, e a 30 de dezembro de 1863 a Primeiro-Tenente.

A carreira militar de Floriano Peixoto foi brilhante. Estava adido ao 2º Batalhão de Infantaria em Bagé-RS, quando irrompeu a Guerra da Tríplice Aliança. Ao ser a província invadida pelos paraguaios, assumiu o comando de uma flotilha armada de improviso - composta pelo vapor Uruguai, o "capitânia", e mais dois lanchões - cuja resistência às tropas inimigas, que marchavam pelas duas margens do rio Uruguai, muito contribuiu para a retomada de Uruguaiana.

Comissionado a 29 de setembro de 1865, foi efetivado no posto de Capitão a 22 de janeiro de 1866. Comissionado como Major, participou de todos os grandes feitos das armas patrícias em dezembro de 1868, sobressaindo em especial em Avaí e sendo confirmado, por bravura, naquele posto a 20 de fevereiro de 1869.

Destacou-se, a seguir, sob as ordens de Osório, no Passo da Pátria e, mais, em Estero Bellaco, Tuiuti, Tuiu-Cuê, Avaí, Lomas Valentinas, Angustura, Peribebuí, Campo Grande, Passo da Taquara - quase todas as batalhas mais importantes da guerra, até o desfecho, em Cerro Corá (de onde trouxe como lembrança a manta do cavalo de Solano López). Por todos esses feitos recebeu a Medalha Geral da Campanha e diversas outras condecorações; foi promovido a Tenente-Coronel em 9 de abril de 1870.

Concluiu o curso de ciências físicas e matemáticas, interrompidos pela guerra. Serviu depois, em 1872, como comandante do 3º Batalhão de Artilharia a Pé no Amazonas, sendo dali transferido para Alagoas.

De 1878 a 1881, foi Diretor do Arsenal de Guerra em Pernambuco. A 3 de janeiro de 1883 foi promovido a Brigadeiro. Foi Comandante de Armas, no Amazonas, Pernambuco e Mato Grosso, província que governou em 1884-1885. Neste último ano retirou-se para Alagoas, a fim de cuidar de sua pequena fazenda de Itamaracá. De volta à vida militar em 1889, foi investido no comando da 2ª Brigada do Exército, promovido a Marechal de Campo em 6 de junho de 1889. Em 15 de novembro de 1889, exerceu as funções de Ajudante-General do Exército, segundo posto depois de Ministro da Guerra.

Floriano não participou das conspirações militares que culminaram na proclamação da República. Mas sua atitude não inspirava preocupação ao Marechal Deodoro da Fonseca, que, ante os temores manifestados por Benjamin Constant, afirmou ter a certeza da solidariedade do Ajudante-General de Campo. E essa certeza se confirmou a 15 de novembro, quando Floriano se recusou a cumprir a ordem, que lhe fora dada pelo Visconde de Ouro Preto, de dispersar os corpos rebeldes da guarnição da capital reunidos no Campo de Santana.

À interpelação do Chefe do Gabinete, que o exortava a demonstrar a mesma bravura revelada na Guerra do Paraguai, quando dominara bocas de fogo a baioneta, replicou o Marechal Floriano que, lá, as bocas de fogo eram os inimigos, ao passo que aqui eram brasileiras, aduzindo: "Fique V. Ex^a sabedor de que estas estrelas que trago nos punhos foram ganhas nos campos de batalhas por serviços prestados à nação, e não a Ministros".

A 30 de janeiro de 1890 foi promovido a Tenente-General. A 15 de abril de 1890 alterou as denominações dos postos do Corpo do Estado Maior General do Exército e pela alteração adotada naquela Lei, a denominação do posto de Tenente-General foi mudada pela de Marechal de Exército e um desses Marechais ficou sendo Floriano Peixoto.

Em 1890, substituiu Benjamin Constant na pasta da Guerra. Candidato à Vice-Presidência, a 25 de fevereiro de 1891 elegeu-se por grande maioria - 157 votos contra 57 dados ao candidato oficial, o Vice-Almirante Eduardo Wandenkolk. Com a renúncia de Deodoro, a 23 de novembro do mesmo ano, assumiu a Presidência da República, conservando, porém, o título de Vice-Presidente. O novo Chefe do Governo Republicano destituiu, a exceção de um, todos os governadores estaduais que

tinham dado apoio a dissolução do Congresso, intempestivamente decretada por Deodoro. Tomou, a seguir, medidas drásticas contra o movimento de oposição que cresceu no país.

Quando, a 6 de abril, se divulgou o manifesto dos 13 Generais e Almirantes reclamando eleições, imediatamente, demitiu e reformou os signatários, alegando ser intolerável que o Brasil fosse arrastado "à época desgraçada dos pronunciamentos". A 10 de abril, manifestação em homenagem a Deodoro da Fonseca acaba se transformando em passeata antiflorianista. O Deputado J. J. Seabra, o General Menna Barreto e o jornalista Pardal Mallet comandam o grupo de políticos, oficiais e jornalistas ilustres que atravessam a cidade conclamando o povo a se reunir à manifestação.

O General Menna Barreto, acompanhado por um grupo de oficiais, ingressa no quartel-general no Campo de Santana.

Floriano, que se encontrava na Piedade, onde residia, sabedor do tumulto, toma o trem e salta na Central. A pé, rumo para o quartel-general, chegando logo após a entrada de Menna Barreto. Tomando o velho amigo pelo braço, lhe diz com voz firme ao pé do ouvido:

"Você, sempre maluco. Está preso".

A lista de detidos após o incidente é encabeçada por nomes ilustres: J. J. Seabra, Campos da Paz, Pardal Mallet, Fonseca Hermes, Olavo Bilac, José Elísio dos Reis e José do Patrocínio. Começa a onda de desterros, deportações e prisões. Floriano declara o Estado de Sítio, suspendendo as garantias constitucionais.

Em fevereiro de 1893 eclode no Sul a Revolução Federalista. E agrava-se mais a situação com a Revolta da Armada, que irrompe no Rio de Janeiro a 6 de setembro, comandada na primeira fase pelo Almirante Custódio José de Melo e, a partir de dezembro, pelo Almirante Monarquista Luís Filipe de Saldanha da Gama. Os dois movimentos acabariam por se unir, criando difíceis problemas ao governo de Floriano Peixoto, ao qual ambos pretendiam derrubar.

A presença de navios estrangeiros - de nacionalidade inglesa, portuguesa, italiana e francesa - na conflagrada Baía da Guanabara configurava um quadro complexo do ponto de vista do Direito Internacional. O Conselho dos Comandantes estrangeiros concluiu a 5 de outubro um acordo que dava ao Rio de Janeiro o caráter de cidade aberta, que não pode atacar nem se defender, mas também não pode ser atacada. Colocavam-se eles como árbitros entre duas facções, a pretexto de impedir o bombardeio da cidade pelos insurgentes e proteger os seus naturais respectivos, mas na verdade realizavam uma intervenção. Chegaram, com esse fito, a constituir uma força internacional de

desembarque, com 750 homens e 13 canhões.

Foi então que, consultado pelo decano inglês do corpo diplomático sobre como receberia essa iniciativa, o Marechal Floriano Peixoto deu sem vacilar a resposta que se tornou famosa: "A bala!". Naqueles mesmos dias, aos amigos que lhe aconselhavam deixar o Palácio do Governo, ameaçado pelos canhões da esquadra rebelde, retrucou com a frase igualmente característica: "Desta cadeira só duas forças são capazes de me arrancar - a lei ou a morte".

Para debelar o movimento sedicioso Floriano empregou a fundo suas energias nessa luta, que lhe valeu o epíteto de "Consolidador da República". Foi infatigável tomando todas as decisões importantes. A Revolução Federalista já estava praticamente vencida, quando terminou, a 15 de novembro de 1894, o mandato presidencial.

Em meio a grandes e profundas crises políticas, ficaram obscurecidas as suas qualidades como administrador; mas, ainda assim pôde ele demonstrar nesse terreno um notável conhecimento dos problemas, que lhe vinha de suas experiências nos comandos militares através do país.

Atividades no STM - Nomeado Conselheiro de Guerra por decreto de 14 de fevereiro de 1891. Apresentou-se a 28 do mesmo mês e ano. Nomeado Ministro do Supremo Tribunal Militar, em conformidade com o decreto nº 149, de 18 de julho de 1893, por decreto do Vice-Presidente do Senado Federal, no impedimento do Presidente da República, de 25 do mesmo mês e ano.

Presidiu o Tribunal no período de 23 de novembro de 1891 a 18 de julho de 1893.

Foi casado com Josina Vieira Peixoto, com quem teve oito filhos.

Falecimento - 29 de junho de 1895, na Estação de Divisa (hoje Floriano), município de Barra Mansa - RJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Raymundo Rodrigues. **História do Superior Tribunal Militar**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952. p. 55-159.

BRASIL. Superior Tribunal Militar. Diretoria de Documentação e Gestão do Conhecimento. **Coletânea de informações**: Floriano Vieira Peixoto. Brasília, DF, 2019. Arquivos disponíveis na Seção de Museu.

ENCICLOPÉDIA Barsa. São Paulo: Encyclopaedia Britannica Ed., c1973. v.10, p. 367-68.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, c1976. v.16, p. 8732-33.

LUSTOSA, Isabel. **Histórias de Presidentes**: a República no Catete. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1989. p.157-69.

LOPES, Theodorico Francisco. **Ministros da Guerra do Brasil**: 1808-1950. 4. ed. Rio de Janeiro: Borsoi, 1950. p. 134.

SILVA, Suely Braga da, coord. **Os Presidentes da República**: guia dos acervos privados. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. p. 15-17.